International Congress of History
Congreso Internacional de Historia
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Constituição histórica da Comunidade Quilombola de Aldeia – Garopaba –SC.

Mauricélia Teixeira de Albuquerque
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História – PPGH– UDESC

O presente artigo tem como finalidade mapear os espaços de sociabilidades da Comunidade Quilombola da Aldeia, no município de Garopaba. A comunidade caracteriza-se como quilombo contemporâneo, sendo que sua constituição está caracterizada pela comum herança com o passado escravista e por formas culturalmente específica como da coletividade e do compadrio. Essas características são visíveis pelas vivências e por experiências de organização social diretamente relacionada ao direito á terra, por formas de consanguinidade e parentesco.

Esse estudo busca ainda, e mais especificamente, compreender a formação espacial e as práticas de sociabilidade da Comunidade Quilombola de Garopaba. E para que o presente trabalho tenha respaldo acadêmico e possa contribuir com a construção histórica do grupo é necessário à colaboração dos moradores e vizinhos da Comunidade Quilombola, pois se sabe que uma das principais ferramentas do conhecimento está nos depoimentos e nas memórias desses moradores. Ainda com relação à memória, concordamos com Michael Pollak (1992, p. 200) quando ele afirma: “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Ainda referente à memória, Ecléa Bosi (2004, p. 411) afirma “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a quem tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

Através dessas memórias será possível conhecer e identificar as formas pelas quais o grupo marcou e delimitou seu território (origem, marcos e limites espaciais) e aspectos fundamentais das práticas de sociabilidades das suas comunidades. Com base nas informações dos moradores e vizinhos das Comunidades, elaboramos um mapa com o objetivo de possibilitar melhor visualização do espaço ocupado, ou seja, conhecer a ‘origem física’ desse povoado. Por ser este grupo marcado por casamentos consanguíneos e maior relação de parentesco.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Em se tratando de vivências quilombolas, o diálogo entre as fontes passa a contemplar experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum - a luta pela afirmação de uma identidade. Minha intenção não é tentar a tarefa impossível de estabelecer a 'verdade dos fatos', mas sim mostrar o que se pode registrar e analisar a partir do lugar que o sujeito se situa como agente histórico e como historiador.

Com o intuito de conhecer as vivências dos moradores da Comunidade Quilombola da Aldeia, a história oral é um procedimento, um caminho ou um fio condutor das tramas da memória, das experiências de vida em um espaço no qual a oralidade predomina. Segundo Lucilia de Almeida Neves Delgado (2006, p. 52) "A história Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado". Nesse sentido os testemunhos e os relatos orais tornaram-se as fontes principais a serem trabalhadas. Nessa perspectiva, a categoria memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes; "é o sujeito que lembra", escreve Maurice Halbwachs (1990).

Memória é algo que se diferencia do presente, mas que, ao mesmo tempo, o compõe. Assim como a memória, também o passado é entendido dentro do pensamento ocidental como um âmbito temporal distinto do presente. A memória é um dos caminhos para o conhecimento do passado. Nesse sentido, o maior desafio da história oral, tomando como empréstimo a interpretação de Benjamin (1994) sobre a memória, é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas.

Para garantir direitos a estas comunidades é importante entender o contexto histórico onde se originou cada experiência. E para entendermos os sentidos e como eram reelaboradas as práticas cotidianas e a noção de 'experiência' é importante nos reportarmos a E.P.Thompson. Dessa forma, compreendemos os grupos Remanescentes de Quilombo em seu caráter social apontado pela historiografia, percebemos os sujeitos nas suas multiplicidades de experiências e vivências "experimentando suas próprias experiências, na cultura como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou na arte ou nas convicções

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

religiosas". Ou seja, práticas cotidianas que possibilitem a garantia de direitos a estas comunidades valorizando cada experiência vivenciada.

É importante destacar que os membros e lideranças da Comunidade Quilombola de Aldeia, atualmente veem rompendo com a história tradicional centrada nos 'antigos discursos políticos' que lhes determinavam as regras e os caminhos que tinham que trilhar. Na última década alguns diálogos foram estabelecidos nessas comunidades com o objetivo de sensibilizar os moradores da importância da auto identificação e auto reconhecimento da identidade como Comunidade Quilombola e principalmente de seus direitos. A partir dessas reflexões passaram a pensar sobre os diferentes usos da memória e da história na mobilização pelo direito a terra e pelo reconhecimento como remanescente de Quilombo perante as agências federais vinculadas a essa temática.

As primeiras informações sobre a formação da Comunidade Quilombola da Aldeia foram fornecidas através de uma entrevista com o Professor e líder da comunidade Manoel Matias Pereira, nessa entrevista ele relata que a formação do grupo da Aldeia está ligada a ancestralidade de sua avó – Cilóca, falecida em 2010, considerada pelo grupo como a matriarca da comunidade. Em seu lugar ficou sua irmã – Adelaide, que aos 82 anos é a pessoa mais respeitada por parentes e vizinhos. De acordo com as informações que obtivemos e pelo que se pode inferir, a formação da Comunidade da Aldeia é marcada pela importância da presença de uma representante mais velha, intitulada matriarca.

Parte-se da premissa que é a partir da representatividade da figura de uma matriarca que a comunidade busca suas 'origens'. Entende-se que a memória é algo que se diferencia do presente, mas que, ao mesmo tempo, o compõe. Assim como a memória, também o passado é entendido dentro do pensamento ocidental como âmbito temporal distinto do presente. Nesse sentido, Michael Pollak (1989, p. 9) enfatiza que a memória é "Essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar [...]", ou seja, a memória é um dos caminhos para o conhecimento do passado, sobretudo através das fontes orais, pois essa é uma das possibilidades de narrativa da História do Tempo Presente.

Tomando a questão da 'formação do território' da Comunidade da Aldeia buscamos através da memória e das lembranças do Senhor Fortunato Pereira (66

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

anos), morador local, entrevistado em sua residência no dia 25/08/2012 as relações de parentesco que definem a constituição do grupo. Em seu relato, Nato, como é conhecido, deixa claro que foram seus ancestrais que deram início à comunidade:

> A formação da Aldeia está muito próxima de mim, sou filho de Dona Cilóca, meus avós chamavam-se Celecina Maria Eva e Antônio Joana, e eles tiveram sete filhos chamados: Celecina (Cilóca), Adelaide, Manoel Antônio, Dorinha, Basilícia, Pedro e Eraci. Dos sete filhos somente a Cilóca, a Adelaide e o Manoel Antônio permaneceram morando aqui na comunidade. Daí pra frente foram se juntando outros das redondezas

Outra informação preciosa em relação ao começo da Comunidade Quilombola da Aldeia foi fornecida pelo Senhor Antônio Manoel Lemos(70 anos), em sua residência em 25/05/2006 , falecido em 2011:

> Os primeiros moradores da comunidade de Campo D' Una (Aldeia) foram: Tia Joana Homem, nativa da África; Antônio Joana, filho da Tia Joana; Sra. Eva, nativa da África, avó de Antônio Joana; Martinha, escrava de Chico Pereira e filha de Tia Joana; Tia Lúcia, nativa da África. Marteliana Pereira e TimótioCrispin eram moradores do Morro do Fortunato. Timótio casou-se com Vó Martinha e foi morar na Aldeia. Posteriormente a estas famílias, ainda integraram a comunidade da Aldeia, Rita Martinha de Jesus, Antônio Rita Martinha de Jesus, Boaventura Lemos, Maria Rita Martinha de Jesus e Manoel Boaventura Lemos, que era filho de escravo.

Na memória do Sr. Antônio Manoel Lemos, era viva a lembrança da procedência dos moradores da comunidade da Aldeia, lugar no qual morava. A procedência estava intrinsecamente ligada à África, ou seja, que os primeiros membros da comunidade a chegar eram nativos da África. Através da história oral buscou-se lembranças vividas, atualizando-as e historicizando-as com a intenção da produção de uma narrativa histórica que contribua para evitar o esquecimento e registrar múltiplas visões sobre o passado desse grupo. Através dessas lembranças podemos inferir certos aspectos da procedência da Comunidade Quilombola da Aldeia, no entanto deve-se ter bem clara a advertência de Alessandro Portelli (1997, p. 16): "[...] a história oral é um entre os muitos procedimentos metodológicos de construção do conhecimento histórico".

Sabendo da importância da memória e entendendo-a como elo construtor das identidades, acreditamos que a genealogia construída pela Comunidade Quilombola da

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Aldeia demonstra que seus moradores descendem direta ou indiretamente de Sra.Celecina Maria Eva e do Senhor Antônio Joana - casal apontado por todos, como o mais antigo da comunidade presente na memória dos moradores. Para Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 46): “Memória são as vozes do passado atualizadas no presente que presenteiam o futuro com a fonte essencial da vida”. No entanto, outras versões podem ter sido sufocadas por esta, pois as narrativas, muitas vezes, evidenciam disputas pela construção de uma identidade, conforme alerta Paul Ricoeur (2010).

Em entrevista com o Senhor Laudelino Antônio Teixeira, morador da comunidade da Limpa e nativo da região no dia 24/08/2012, pode-se corroborar as informações do Senhor Antonio Manoel Lemos sobre a genealogia da origem do casal Celecina Maria Eva e Antônio Joana, possíveis ‘fundadores’ da Aldeia, pois ao narrar à construção de uma estiva ligando as comunidades de Araçatuba e Penha apontou para a existência de uma negra chamada Joana Homem, que seria a mãe de Antônio Joana.

> Fizeram uma estiva lá na Penha, uma estiva é uma estrada, mas não é uma estrada dessas que tem agora, é uma estrada no banhado estivado de madeira como uma ponte no rio para atravessar. O nome da estiva era estiva da Joana Homem. Essa Joana homem era mãe do Antônio Joana.

Sabe-se que em meados do século XIX havia em Garopaba uma armação baleeira e que muitos africanos foram trazidos para trabalhar nas baleeiras. Com o passar do tempo muitas dessas pessoas se dispersaram nos arredores de Garopaba, buscando outras maneiras de sobrevivência. Porém, o Senhor Laudelino Antônio Teixeira apresenta outra versão em relação à vinda dos negros para Garopaba:

> Aqui em Garopaba falam que os pretos vieram para trabalhar no barracão da baleia, mas não foram somente esses pretos que chegaram aqui em Garopaba. Meus pais contavam que muitos pretos vieram pra cá assim: cada homem que vinha se aventurar em busca de terras já trazia uma quantia de escravos. Difícil àquele que vinha para trabalhar sozinho, ele já vinha organizado não sei se tinha o pessoal do rei organizando isso. O pai me contou daqueles Teixeiras que vieram de Laguna para Ibiraquera e já trouxeram escravos. Da Laguna já deram pra eles uma quantia de terra na Ibiraquera – as sesmarias e ele já traziam o documento com aquela quantia certa de terra.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Assim, pode-se inferir que muitos homens que se aventuravam nessa região vinham de outros lugares acompanhados dos escravos para trabalhar nas terras que lhes eram dadas pelo sesmeiro. Segundo o Senhor Laudelino Antônio, “Após a abolição da escravatura, esses pretos foram libertos e sem alternativa de vida se apropriava das terras devolutas que eram chamadas de ‘campos’, existentes naquele tempo, principalmente na Limpa, bairro do Campo D’Una em Garopaba até o Araçatuba, bairro de Imbituba”.

A partir da abolição da escravatura, e até mesmo antes, os africanos livres foram se organizando, construindo suas moradias e plantações nessas terras devolutas, ou seja, nos campos da Limpa, Campo D’ Una e Araçatuba, todos localizados no entorno da Aldeia e as margens da Lagoa de Ibiraquera (Figura 01).

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

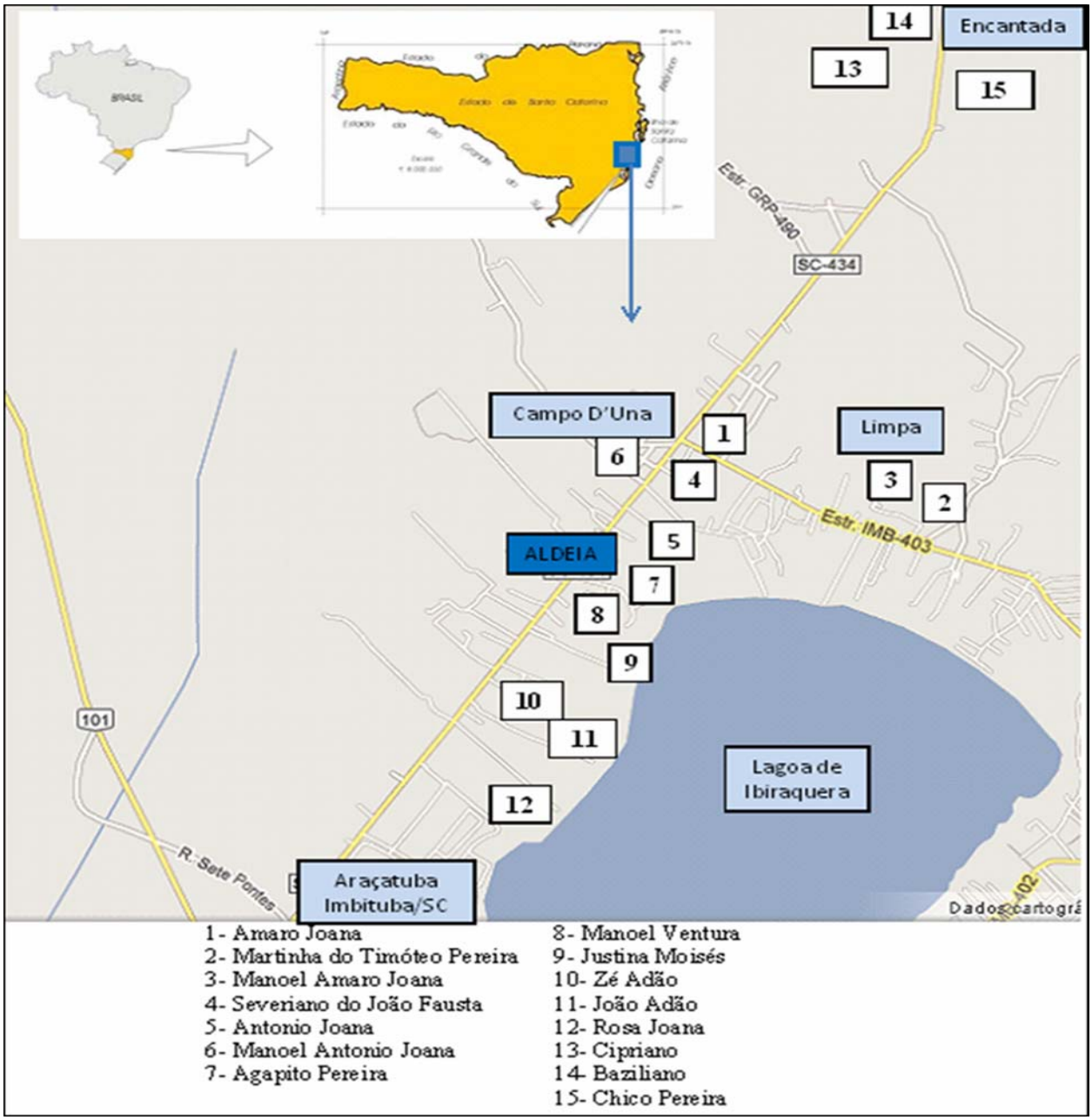

Figura 01: Mapa das atuais comunidades de Aldeia, Campo D'Una, Limpa, Encantada e Araçatuba, por volta de 1950, com destaque para as famílias negras, conforme informações do Sr. Laudelino Antonio Teixeira (78 anos).
Fonte: Guia mais mapas. Disponível em: <http://mapas.guiamais.com.br/guia-de-bairros/garopaba-garopaba-sc>. Acesso em 26 ago. 2012. Edição da autora.

Ainda hoje a história de como a comunidade foi 'fundada' é um dos elementos unificadores do grupo. Segundo Michael Pollak (1989, p. 9) "A referencia ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe numa sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade".

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Segundo José D' Assunção Barros (2009, p. 183) "A população negra, na década que precedem a assinatura da Lei Áurea, dá mostras de um engajamento cada vez maior na luta por uma libertação coletiva e na construção efetiva de uma consciência negra". Essa construção identitária coletiva é visível na formação da Comunidade da Aldeia, pois, mesmo desprovidos de recursos financeiros e em meio à luta contra a ordem vigente, conseguiram formar uma comunidade forte, resistindo à opressão e deram continuidade às experiências históricas dos seus ancestrais.

Parte-se da premissa que a procedência da população da Aldeia resulta da junção desses moradores dos arredores. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira deixa claro em seu depoimento que, "A Comunidade da Aldeia se originou dos pretos libertos que foram morar naquelas terras. Uns foram através de casamentos, outros por laços consanguíneos e assim por diante". Questionou-se, então, o porquê dos afro-brasileiros terem escolhido as terras da Aldeia e não as terras da Limpa ou Araçatuba, sendo que toda essa região – do Campo D'Una até Araçatuba – era considerada como terras devolutas. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira argumentou:

> Nos campos da Limpa havia muita água, era um banhado e se tornava difícil para a produção da lavoura, criação dos animais, como porco, galinhas, bois e para construir suas casas e o acesso era difícil. Já nos campos do Araçatuba as terras eram muito áridas, dificultando a produção da agricultura. A Aldeia seria o lugar ideal para construir seu povoado, em primeiro lugar se localiza atrás da lagoa da Ibiraquera, facilitando o acesso à pesca. As terras eram produtivas, o terreno era forte e seco, próprio para a lavoura. Outro ponto importante é que nas proximidades tinha uma fonte de água boa para lavar roupas e até buscar água para beber.

Partindo da perspectiva da importância da terra a Comunidade da Aldeia, bem como outras Comunidades Quilombolas brasileiras, têm cuidado e sentimento de pertencimento a terra em que vivem, pois é um dos poucos bens desses habitantes e que por muito tempo garantiu a sobrevivência do grupo. Para os moradores da Aldeia a posse da terra constitui um aspecto fortemente ligado aos laços familiares e as relações responsáveis pela permanência dos familiares na localidade.

A questão do pertencimento da terra para a comunidade da Aldeia está imbricada a raiz de seus ancestrais. Segundo o relato do Senhor Fortunato Pereira, 66

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

anos, “Foi nesta terra que a comunidade conseguiu construir suas casas, criar seus filhos e foi nesta lagoa que a comunidade garantiu o sustento dessas famílias”. Essa forma de cuidar da terra, o respeito e esse pertencimento também são posturas comuns encontradas em outras Comunidades Quilombolas. Lembrando que os moradores da Aldeia têm apreço pela terra e pelos familiares, já que estes representam suas identidades.

A cultura do parentesco e da continuidade familiar estabelece relações hierarquizadas e ritualizadas, sob a autoridade dos mais velhos, no caso da Aldeia, atualmente, a Senhora Adelaide – matriarca do grupo. Tal comportamento permite a continuidade dos costumes e das tradições dos seus ancestrais.

Nessa perspectiva, a memória compõe um celeiro de lembranças e reminiscências, “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”, nas palavras de Ecléa Bosi (1994, p. 39). Estes fragmentos de lembranças e recordações aos quais somos capazes de registrar estavam inseridos na memória daqueles indivíduos que vivem e viveram na Comunidade Quilombola da Aldeia.

Para conhecer as vivências dos moradores da Comunidade Quilombola da Aldeia utilizamos a história oral: caminho e fio que nos conduz pelas tramas da memória e das experiências de vida em um espaço no qual a predomina a oralidade. Nessa perspectiva, a memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes; é o sujeito que lembra, escreve Maurice Halbwachs (1990).

Conhecer os quilombos e as Comunidades Quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, consequentemente, uma reflexão científica em processo de construção. Acerca das considerações referentes ao conceito de quilombo, pode-se afirmar que este tem passado atualmente por vários questionamentos, diferindo da ideia de fuga e de rebeldia que muitos estudiosos conheciam ou referendavam.

A discussão sobre os quilombos contemporâneos foi trazida à tona pelo movimento negro, principalmente nos anos de 1970, como parte do contexto da luta contra o preconceito racial. Essa grande batalha se deve ao aprendizado intelectual de vários autores como Lélia Gonzalez Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Kabengele

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Munanga, dentre outros. Um dos objetivos dessa luta foi enfatizar os quilombos como ícones da resistência negra. Nesse sentido Abdias do Nascimento (2002, p. 272), afirma que “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão espiritual”. Seguindo o pensamento de Abdias, os quilombos são locais de liberdade e de modernização dos laços étnicos e ancestrais, constitui a única via segura para modificar o discurso e conduzir a uma nova consciência em relação à cultura e identidade africana.

Com base nos depoimentos e relatos dos moradores da comunidade negra e da comunidade do entorno, se construirá o enredo da narrativa referente às questões do cotidiano e processo de identificação dos quilombolas da Comunidade da Aldeia. Sendo assim, suas características culturais permitem que os mesmos se reconheçam, como remanescentes de quilombo, considerando o estilo de vida, a escolarização, as festividades e as experiências vivenciadas por eles e seus ancestrais.

No entanto, a história desse grupo é diferenciada pela sua conjuntura e organização, mas, ao mesmo tempo se assemelha à história de muitas outras Comunidades Quilombolas distribuída pelo Brasil, que lutam por direitos, em particular pelo direito a terra em que habitam, por suas identificações, reconhecimento e melhores condições de vida. A semelhança dos quilombos contemporâneos brasileiros citados acima se refere às comunidades rurais negras que reúnem descendentes de cativos vivendo da cultura de subsistência e que suas manifestações culturais têm forte vínculo com o passado ancestral, vinculo este escolhido pelos moradores como forma de manter a identidade e identificação do grupo. Ou seja, a identificação dessa comunidade pode ser percebida enquanto como um processo que culmina na identidade em si. Então, pode-se compreender que na modernidade tardia a identificação pode ‘acontecer’ em várias instâncias e com várias coisas diferentes, possibilitando assim com que a identidade seja móvel, fluída, múltipla e que possa mudar, sem fronteiras.

A Comunidade de Remanescentes de Quilombo da Aldeia, a partir de 2002, passou a perceber que era detentora de uma cultura própria, principalmente nos costumes, tradições e nas festividades. Ou seja, seus moradores eram detentores de um patrimônio cultural rico e valoroso, porém passava despercebido por eles. Segundo

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Joseph Ki-zerbo (2006. p.149), “Nenhum povo se desenvolveu unicamente a partir do exterior. Se ele se desenvolve, é porque extrai de si mesmo os elementos do seu próprio desenvolvimento”. Assim, entre 2002 e 2008 a Comunidade Quilombola da Aldeia passou a colocar suas experiências e atividades em prática valorizando sua cultura e priorizando suas raízes africanas.

Acerca do reconhecimento e da construção dessa identidade quilombola se atribui as características específicas de diferentes grupos sociais, principalmente os das Comunidades Quilombolas em diferentes partes do Brasil, que nesse período já se encontravam reconhecidas ou em processo de reconhecimento. Nesse contexto de luta, a Comunidade Quilombola da Aldeia sentiu a necessidade do reconhecimento e a construção identitária do grupo, pois estavam presenciando e sentindo que os estilos de vida e formas de ver o mundo estavam imbricados nas experiências vivenciadas por eles e seus ancestrais.

Considerações finais:

Desta forma, entende-se que o desenvolvimento deste estudo encontra sua relevância na emergência que a questão dos negros no Brasil requer, já que somos um país miscigenado que ainda não se reconhece etnicamente. Portanto, afirmar nossa identidade é uma das formas de valorizar nossa cultura. No que se refere às questões raciais, é importante ressaltar que sempre que existir a oportunidade das pessoas se sensibilizarem, mudarem suas práticas, em prol dos desafios da luta antirracista no cenário social, já é uma conquista, que não se encerra em si, mas, é um caminho a trilhar, fundamental para a conquista histórica do reconhecimento e a formação da identidade do povo negro no Brasil. Principalmente a luta do reconhecimento das Comunidades Quilombolas.

Insere-se desta maneira uma discussão em torno do reconhecimento dos remanescentes de quilombo que conquistaram uma dimensão de direitos e cidadania. Nessa discussão a busca do desenvolvimento social enfatiza a luta pela liberdade, cidadania e direitos, possibilitando a construção de uma identidade social específica.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

Da mesma maneira, propõem-se a construção e manutenção da memória coletiva, da terra e do espaço cultural construído pelos negros escravos e seus descendentes.

Nesse estudo buscou-se compreender e verificar as formas de interação entre o grupo e as comunidades do entorno, bem como a organização interna do mesmo. Além disso, procurou-se perceber as sutilezas do reconhecimento e o balizamento de fronteiras e sua relação com a afirmação da identidade afro-brasileira no contexto das relações políticas, sociais e hierárquicas. Assim, encontra-se a visão de uma história construída a partir das lutas sociais e da interação entre culturas.

Se tratando de pesquisa histórica, enfatizou-se o estímulo para a realização de estudos dessa categoria que emerge da possibilidade de poder narrar à história de nossos pares, a história que nos circunda e enche nossa vida de sentidos. Conhecer a história das Comunidades Quilombolas nos permite conhecer melhor a história do Brasil e de nós mesmos.

Estudos referentes à problemática afro-brasileira encontram lugar de destaque na contemporaneidade, pois os afro-brasileiros fizeram-se presentes em diferentes espaços com seus costumes, sua religiosidade e seu trabalho, desempenhando, desde os primeiros momentos da colonização, papel fundamental na formação étnica, cultural e econômica brasileira. Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’, mas sim apropriar-se de determinados registros, representações, dando sentido e racionalidade condizentes com as questões que se queiram deixar registradas e ver debatidas. Segundo René Rémond (2006, p. 208), “O historiador do tempo presente sabe o quanto sua subjetividade é frágil, que seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los”.

Nesse sentido, este estudo, que está focado nas experiências da Comunidade Quilombola de Garopaba, Aldeia, parte da perspectiva da história do Tempo Presente, ou seja, num esforço empreendido na busca da compreensão das transformações em seu percurso, em seu próprio tempo de duração, ao contrário do estilo de outras abordagens históricas, que se detêm sobre as transformações, focando somente o que foi transformado. Esse trabalho foi realizado a partir dos depoimentos dos moradores da Aldeia e dos moradores das comunidades vizinhas. Através dessas narrativas, realizamos uma investigação referente ao mapeamento dos espaços e práticas de

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.632

sociabilidades dessa Comunidade, na intenção de conhecer a formação e as vivências dessa Comunidade Quilombola.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. A construção social da cor: Diferenças e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 11 ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

Ki-Zerbo. Joseph. Para Quando África? Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro, Pallas, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, V.2, n.3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 13-47, 1997.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral a guisa da introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Org.). Usos e Abusos da História Oral. 8 ed.Rio de Janeiro, FGV, 2006.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. A intriga e a narrativa histórica. 3 volume. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2010.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.